

# FORMAS DE PERDER-SE: O AMOR EM *DUAS IGUAIS*, DE CÍNTIA MOSCOVICH

*WAYS OF LOSING YOURSELF: LOVE IN DUAS IGUAIS,*  
*BY CÍNTIA MOSCOVICH*

Paula Fabrícia Fontenele de Sá<sup>1</sup>  
Diógenes Buenos Aires de Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva analisar como se realiza os ritos de passagem, que estão relacionados às mudanças pelas quais passamos em nossas vidas, na obra *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich. Os ritos são entendidos como relevantes, nesta narrativa, uma vez que parecem interferir na construção/ formação da personalidade da protagonista. Além disso, pensar os ritos de passagem em *Duas Iguais* é também entender o processo que silencia o amor vivenciado pela personagem central. Para tal análise, lançar-se-á mão das contribuições, em particular, dos estudos de Arnold Van Gennep (1978), que se debruça sobre os ritos de passagem, assim como das ideias de Judith Butler (2003), que discute a complexidade das questões de gênero.

**Palavras-chave:** Cíntia Moscovich; *Duas Iguais*; ritos de passagem.

**Abstract:** The present paper aims to analyze how are realized the rites of passage, which are related to the changes we went through in our lives, in the work *Duas Iguais*, by Cíntia Moscovich. The rites are understood as relevant, in this narrative, since they seem to interfere in the construction / formation of the protagonist's personality. Moreover, to think about the rites of passage in *Two Equal* is also to understand the process that silences the love experienced by the central character. For this analysis, it will be useful the contributions, in particular, the studies of Arnold Van Gennep (1978), which focus on the rites of passage, as well the ideas of Judith Butler (2003), that discuss the complexity of gender issues

**Keywords:** Cíntia Moscovich; *Duas Iguais*; rites of passage

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura no Programa de Pós-Graduação em Literatura (UNB), Mestre em Letras (UFPI), Graduada em Letras - Português e Francês pela Universidade Federal do Piauí. Coautora do livro *Literatura infantojuvenil* (FUESPI). Integrante do Grupo de Pesquisa Literatura, Leitura e Ensino (UESPI/CNPq).

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Letras (PUCRS). Docente da Graduação e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Autor dos livros *As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais* (EDUFPI), que recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil* (EDUFPI/CRV). Coordenador do Grupo de Pesquisa Literatura, Leitura e Ensino (UESPI/CNPq).

## INTRODUÇÃO

A despeito das mudanças sociais em voga nas últimas décadas, o conceito de gênero parece ter sido desenvolvido para discutir as questões em torno do homem e da mulher que se expressam além de uma diferença entre sexos. Conforme Adriana Piscitelli (2004, p.43), trata-se de um conceito instigante e desafiador que ganhou atração por oferecer “um novo olhar sobre a realidade”, bem como um avanço significativo às possibilidades oferecidas pela categoria *mulher/es*.

A literatura e a arte se apresentam como importantes nesse contexto de discussão, uma vez que ambas oferecem a possibilidade de refletirem sobre as relações que podem ser estabelecidas e representadas por essa categoria, como, por exemplo, as relações homoafetivas. Nessa perspectiva, estamos, mesmo que de forma tímida, mudando a forma como as mulheres são percebidas e, com isso, buscando mudar o espaço por elas ocupado.

Conforme Judith Butler (2003), o tema das relações homossexuais questiona, em especial, a heterossexualidade compulsória, ideia que, para a autora referida, se traduz como uma das matrizes de inteligibilidade de gênero. De acordo com Butler (2003, p.38), “gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. Butler (2003), nesse sentido, alarga o raciocínio de que sexo é algo natural e gênero é uma categoria construída, acrescentando o desejo como um aspecto que pode contribuir para a compreensão tanto de sexo quanto de gênero.

Nesse referencial, Cíntia Moscovich exhibe, em *Dois Iguais*, novas formas de se pensar os papéis de gênero, ressaltando a dificuldade que, por vezes, ainda temos de assumir a nossa sexualidade, quando ela foge da norma estabelecida. Desse modo, usando-se da experiência do amor, Moscovich nos faz pensar sobre a forma de amar, ressaltando, sobretudo, que “amor exige expressão”, posto que, quando não, pode ser silenciado. É também sobre um amor silenciado que discutiremos neste trabalho.

*Dois Iguais* (2004) é um romance que retrata a trajetória de Clara, da adolescência à vida adulta. A história é narrada por Clara, em que esta se localiza, desde o início, como mulher, judia, apaixonada por outra mulher. Frente a essas localizações, são sugeridos ao leitor, já no princípio, os obstáculos que Clara enfrentará.

Clara é uma personagem engendrada como mulher, mas que encaminha a sua sexualidade para outra mulher. Todavia, ela revela uma dificuldade em vivenciar essa sexualidade, a sua escolha afetiva, o seu gênero. Clara foge, de diversas maneiras, e, ao final da narrativa, sobre o amor vivido, ela conclui: “eu te criei e te extingui da minha vida, eu te perdi para mim, para o medo” (MOSCOVICH, 2004, p.250).

Em tom confessional, a narrativa de Clara traz suas hesitações, enfatizando alguns ritos vivenciados. Os ritos de passagem, segundo Arnold Van Gennep<sup>3</sup> (1978), estão relacionados às mudanças significativas pelas quais passamos em nossas vidas, por exemplo: o nascimento (no caso do romance *Duas Iguais*, falaremos sobre o início do amor, chamaremos de rito de iniciação do amor), o casamento (entendido como a entrada na vida adulta) e a morte.

Este trabalho analisará, de forma breve, tais ritos, apoiando-nos, particularmente, nos estudos de Gennep (1978); entretanto, neste espaço, não abordaremos a teoria sobre os ritos de forma aprofundada, o que nos interessa, por ora, é, em particular, mostrar que os ritos de passagem assinalados se configuram como parte do processo que constrói a personalidade da protagonista, e, por conseguinte, silencia o amor vivenciado por ela. Isto posto, empreenderemos um estudo que aborda a questão do rito, que, por sua vez, parece traduzir a matriz de inteligibilidade de gênero dita por Butler (2003).

## UM AMOR SILENCIADO

*Duas Iguais* pode ser considerado um romance de formação – *Bildungsroman*<sup>4</sup>. O gênero é definido, principalmente, por apresentar sequências narrativas que trazem o processo de formação de um/a protagonista; podemos ter, assim, conforme Dilthey<sup>5</sup>, citado por Cíntia Schwantes (2002), uma sequência de eventos como: o nascimento do/a protagonista, o conflito de gerações, a viagem para uma outra cidade, casos de amor, o encontro com um mentor, o retorno à cidade natal. Obviamente, nem todos os romances seguem esses passos, essa lógica e nem essa redução de eventos. Por outro lado, como aspecto relevante nesse tipo de gênero romanesco, temos o enredo, em que este, em geral, é impulsionado pelas mudanças, descobertas e experiências do/a protagonista. Mediante experiências e reflexões, o objetivo desse tipo de construção narrativa pode ser o de auxiliar a personagem central no processo de maioridade, por meio de meditações sobre a vida.

Segundo Schwantes (2002, p.1), “as escritoras mulheres têm insistentemente escolhido o gênero: como forma de reconfigurar a identidade feminina, uma vez que o *Bildungsroman* tem a função de servir de exemplo, de paradigma”. É, pois, o que acontece em *Duas Iguais*, romance que retrata os anos de formação, desde a vida escolar, da narradora-personagem. “A trajetória da formação sem dúvida se complica quando a protagonista é uma jovem ou menina: os percursos da formação feminina em uma

<sup>3</sup> A obra Ritos de passagem, de Arnold Van Gennep, é, segundo Da Matta (1977, p.12), um dos primeiros livros que introduz e discute, no campo da Antropologia Social, o ritual e os seus mecanismos básicos como objeto de estudo. Nesta obra, Gennep toma a vida social por meio da análise de rotinas e cerimônias.

<sup>4</sup> Conforme Schwantes (2002, p. 1), termo retomado na Alemanha à época do Romantismo e estudado por Karl Von Morgenstern.

<sup>5</sup> Wilhelm Dilthey foi um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Sua teoria se fundamenta nas “ciências do espírito” em oposição às “ciências da razão”.

sociedade patriarcal são muito mais tortuosos” (SCHWANTES, 2002, p.2). Além disso, agrava-se quando a protagonista desse tipo de romance revela-se homossexual, dado que parece dificultar ainda mais o seu processo de formação.

A vida social e o nosso processo de formação são marcados por inúmeros conflitos que se realizam, especialmente, pelos opostos: ou entramos em um caos, no qual ninguém segue uma regra ou lei, ou aceitamos e praticamos as normas estabelecidas. Ao refletir sobre essa situação, lembramo-nos da importância dos rituais que, em geral, organizam e estruturam os valores morais exigidos em uma sociedade. “Os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social” (RODOLPHO, 2004, p.139); logo, eles estão presentes no nosso dia a dia e são importantes por participar de forma efetiva nos processos que constroem as nossas identidades e determinam as nossas escolhas.

Genep (1978) dirá que o rito de passagem se assemelha a um período, temporário, de incerteza e, talvez, de crise, momento em que o indivíduo reflete a sua existência na sociedade. Segundo o autor supracitado (1978, p.25), nas sociedades modernas há sempre uma separação entre a sociedade leiga e a sociedade religiosa, entre o profano e o sagrado. Dessa maneira, ainda de acordo com Genep (1978, p.26), entre esses mundos (profano e sagrado) haverá eternamente uma incompatibilidade, a tal ponto que a passagem entre eles não poderá ser feita sem estágios intermediários.

“Se os ritos não resolvem a vida social, sabemos que sem eles a sociedade humana não existiria como algo consciente, uma dimensão a ser vivenciada e não simplesmente vivida, como ocorre com os gestos mais pesados da rotina cotidiana” (DA MATTA, 1977, p.11). Pensar os ritos é, para Da Matta (1977), pensar de forma crítica a vida social humana.

Na história de Clara, nos deparamos com muitos acontecimentos especiais; entendemos esses eventos como “potencialmente rituais”. Clara, a narradora-personagem, faz parte de uma comunidade judaica de Porto Alegre e vive na década de 70. Aos dezesseis anos se apaixona por uma amiga de escola, Ana. O excerto a seguir exemplifica a descoberta desse sentimento:

– E agora, o que é que a gente vai fazer?

Como é que eu ia saber? Ainda mais que ela me olhava com a dureza de quem espera uma resposta. Não uma resposta qualquer, mas uma resposta positiva, afirmativa, definitiva, taxativa. [...] A dúvida do momento, porém, era demais para a minha pouca idade e experiência (MOSCOVICH, 2004, pp.15-16).

A descoberta e a vivência desse amor, entendidos por nós como um rito de iniciação do amor, estão no centro do processo de formação de Clara. O trecho que segue mostra que Clara percebe as mudanças que estão por vir e, no primeiro momento, as aceita; a condição indica, já no início, que “toda alteração na situação do indivíduo implica ações e reações entre o profano e o sagrado” (GENNER, 1978, p. 26).

Alguma coisa importante estava acontecendo [...]. Estávamos as duas inundadas de uma novidade assustadora. No meu peito, tudo se apertava, e era uma guerra de trincheiras o que eu gerava na sensação de angústia – essa angústia que, de uma forma ou de outra, nunca me deixou. [...] não desistiria dela. Eu tinha de saber, eu tinha de experimentar. Por isso, quando ela me puxou pela mão, sugerindo que a acompanhasse, cedi. [...] Ela era o meu primeiro amor (MOSCOVICH, 2004, pp.33-37).

A iniciação da vida amorosa entre Clara e Ana tornou-se, aos poucos, conhecida pelos outros personagens. Clara transgride quando se apaixona por Ana. A família percebe: “quando vínhamos da escola para casa, minha amiga a tiracolo, meu pai se escondia atrás do jornal, saudando-a com um resmungo. Meu pai odiava Aninha, intuí, e isso era igual a ter certeza” (MOSCOVICH, 2004, p.29); e não aceita: “Meu pai se tornara agressivo. Dizia que eu andava em más companhias. [...] Aprendi que meu pai sabia que a filha dele estava apaixonada por outra mulher” (MOSCOVICH, 2004, p.43).

O desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo, consoante Daniel Borillo (2009, p.15), foram entendidos, por muito tempo, como um crime abominável, um amor pecaminoso, um pecado contra a natureza. Apesar da profunda hostilidade que ainda marca a nossa sociedade, de acordo com Borillo (2009, p.16), “a homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto a heterossexualidade”, já que ela é apenas mais uma manifestação do pluralismo sexual humano, por isso deve ser protegida como qualquer outro ato da vida privada.

A família de Clara silenciou diante da sua homossexualidade, visto que, como a própria narradora conclui em algum momento da narrativa, os pais não costumam perguntar o que já sabem, já que também poderiam imaginar que duas moças não aguentariam por muito tempo uma situação clandestina.

Segundo Clara (MOSCOVICH, 2004, p.25), seu pai sempre teve uma reserva com relação àquela amizade, desde o início, por Ana não ser judia. Além da tradição judaica, Clara revela uma proximidade com o pai, a quem respeitava e temia. Diante desse contexto, o drama amoroso se apresenta com dificuldade para se realizar, porquanto “o sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade” (ELIADE, 1992, p.164).

Assim, como forma de separá-las, o pai interveio de modo que as duas ficassem em turmas diferentes:

Quando as aulas reiniciaram, ficamos sabendo que nossas turmas não seriam as mesmas. Não estaria na mesma sala de Aninha e todos os nossos esforços para que estivéssemos juntas foram inúteis. A diretora fora inflexível: meu pai dera a ordem, alegando que meu rendimento já não era o mesmo e que, se eu quisesse ser responsável pelo jornal, esse era o preço (MOSCOVICH, 2004, p. 44).

Nesse caso, “a homossexualidade permanece como um obstáculo ao pleno gozo de direitos” (BORILLO, 2009, p.15). Clara respeita e teme o pai, por isso, sempre permitiu que ele interferisse nas suas decisões. Para que Clara vivesse o amor com Ana, parece,

nessa circunstância, que haveria a necessidade de um rompimento familiar. Porém, a narradora recua, ocorrendo, então, a primeira separação, uma viagem de ambas.

O universo de passagem e formação de uma protagonista feminina apresenta-se repleto de obstáculos. No caso em estudo, por exemplo, ainda nesse momento de iniciação, também começa a pesar sobre as personagens o preconceito dos colegas no ambiente escolar. A sociedade e os ambientes que frequentamos nos colocam na serialidade, conceito dito por Sartre e resgatado por Iris Young (2004), abarcando o gênero como uma série social (as coletividades, os grupos); conseqüentemente, por ser serializado no gênero, o indivíduo, possivelmente, passará por inúmeros constrangimentos. É o que acontece, por exemplo, no ambiente escolar.

A escola, conforme Guacira Lopes Louro (2007, p.18), nos ensina a utilizar códigos para debater, persuadir e a empregar gestos e comportamentos adequados às situações e às instituições. A escola é entendida como uma instituição que “civiliza” a mulher e o homem, para que possam viver socialmente.

Nesse ambiente, a heterossexualidade é incentivada, apesar das tentativas de adiamentos da sexualidade quando se trata de adolescentes. Aqueles e aquelas que expressam sua sexualidade no meio escolar são, constantemente, alvos de repreensão e vigilância. De acordo com Louro (2007, p.27), quando demonstram interesses e desejos sexuais distintos da norma heterossexual são incentivados ao silêncio, à segregação ou à dissimulação, dado que a produção da heterossexualidade é acompanhada de uma rejeição da homossexualidade.

Em um determinado dia, no pátio da escola, Clara e Ana são abordadas:

– Qual de vocês é o homem?

[...] Nenhuma de nós era homem, nenhuma de nós, ela estava escutando direito? Nenhuma de nós. Repetia e repetia dentro de mim a sentença. [...] Nenhuma de nós éramos homem, aquilo ecoando dentro de mim com estrondo, vontade de furar os olhos da feiosa com as unhas, o primeiro irremediável sentimento de ódio que conheci (MOSCOVICH, 2004, pp.45-46).

A escola produz, por conseguinte, a ideia de que existe um comportamento adequado, e a sexualidade, nesse jogo, afirma Louro (2007, p.22), é um assunto que busca ser desviado, por vezes, produzindo um autodisciplinamento do sujeito sobre si mesmo. Após a abordagem da colega de escola, Beatriz Levi, uma nova fase se instala, na qual, Clara não suporta as falas, observações e os risos dos outros. A protagonista não entendia a situação, apesar disso, sentia que nada mais seria como antes: “quando nos demos conta, não éramos mais livres” (MOSCOVICH, 2004, pp.47).

Ana assume o seu amor por Clara; no entanto, o medo desta predomina, fazendo com que ambas se afugentem diante do preconceito. Ana exila-se em Paris; Clara mantém-se no Brasil e inicia outra fase, aquela que ritualiza a vida adulta.

Para Schwantes (2002, p.4), o rompimento com Ana foi tão doloroso que deixou pouco espaço para outras experimentações sentimentais e sexuais na vida de Clara. A protagonista conhece, no local de trabalho, uma moça que desperta sua atenção, mas não investe nesse sentimento.

Os anos de uma vida são divididos por um acontecimento central, o casamento. Anne Martin Fugier (1991, p.235) dirá que é esta instituição quem “funda a continuidade social e familiar”. Para Schwantes (2002, p.1), “casar e constituir família continua sendo central no estabelecimento de uma identidade feminina ‘saudável’”. Assim sendo, é com o casamento que Clara vai afirmar sua “normalidade” e, com isso, pertencer a sua comunidade, realizando outro rito de passagem que, novamente, silencia o seu amor por Ana.

Os ritos do casamento, consoante Gennep (1978), são compreendidos também como ritos de agregação definitiva a outro meio. Para Gennep (1978, p.105), “o casamento é um ato propriamente social”. O casamento de Clara e Vitor sacramenta, no romance, o destino já determinado também pela tradição judaica, demonstrando as fragilidades dos sujeitos em fazer-se a si próprio. Para Eliade (1992, p. 164) “[o homem] só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo”. Até este momento da narrativa, Clara não consegue se desprover do seu caráter relacionado ao sagrado e aceita as condições estabelecidas pelo meio.

As cenas referentes ao casamento de Clara e Vitor são narradas em terceira pessoa, expressando um distanciamento da personagem naquela situação. Com efeito, Clara vira espectadora de sua própria narrativa, como podemos perceber no trecho a seguir:

Finalmente, os acordes da marcha nupcial trovejaram pela sinagoga. Clara ergueu o queixo, arrumou o buquê entre as mãos. Deu um passo, o primeiro. Os convidados levantaram-se, provocando um pequeno tumulto. Vitor a esperava junto ao pátio coberto de flores; esperava com a satisfação de quem espera aquela que será sua esposa (MOSCOVICH, 2004, p. 124).

Clara se casa com um homem bonito, bem-sucedido profissionalmente e aprovado por sua família. Contudo, não encontra no casamento realizações pessoal e amorosa, visto que, quando Ana retorna a Porto Alegre, em uma visita rápida, Clara vai ao seu encontro e as duas fazem amor. Ao ser percebido o adultério, Clara decide preservar o casamento; momento em que, mais uma vez, silencia o seu amor por Ana, como na parte que segue:

Para sempre não existe, Ana. Muito tempo, periclitante tempo. Foi por isto que me levantei, colhi a roupa que ficara pelo chão. E me perguntaste aonde eu ia, que pressa era aquela. Não pude te dizer, Ana, não pude te dizer, mas eu tinha de ir embora, minha vida nunca pôde ser contigo e me esperava longe de ti (MOSCOVICH, 2004, p.154).

O processo de formação e passagem de Clara se traduz em um autoconhecimento, implicando também em uma autoaceitação. Nesse sentido, o processo só se completa quando a personagem central assume seu amor por Ana, ou seja, quando ela decide enfrentar as consequências das suas escolhas, como, por exemplo, o fim do casamento.

Entretanto, essa decisão ocorre somente em um momento decisivo, quando Ana, já doente, passará por uma cirurgia. Ana morre e, no momento desse rito de passagem, Clara entende a importância e a unicidade que pode ser um amor, por isso ele não deve ser desperdiçado. Ela conclui:

nunca mais, nos muitos anos que se seguiram, deixei de contar a mim mesma o ocorrido, narrativas reflexivas cheias de imprecisões e de fantasias impacientes. Sabia que me traía a faculdade das lembranças, como, de resto, me traíam todas as coisas, [...]. Passei a reverenciar isso, minha única certeza, e a repeti-la para que nunca mais a força dos erros sucessivos se abatesse sobre mim (MOSCOVICH, 2004, p.252).

A morte de Ana tira Clara da imobilidade, trata-se não somente de um rito que significa o fim da vida, pois, na vida de Clara, poderá ser o começo de uma nova condição, de uma nova iniciação, visto que, “viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém, de modo diferente” (GENNEP, 1978, p.157).

*Dois Iguais*, apesar de retratar um amor transgressor, não se revela como um romance subversivo, posto que, “o seu componente trágico assinala a impossibilidade de tal subversão, uma vez que o amor só pode ser vivenciado fora da vida cotidiana, em um deslocamento constante” (LEAL, 2007, p.124). Ao contar a sua história e seus equívocos, segundo Leal (2007), Clara supre o sentido da perda.

No entanto, Clara não é capaz de desfazer o passado e é produto dele; apesar disso, concluiu que o amor “não deve permanecer quieto, calado”, sua escolha da vida inteira até o momento. Todavia, como assegura Genep (1978), na vida, há sempre novos limiares a atravessar, nesse sentido, o sujeito sempre atravessará fases de indeterminação e tentativa de aceitação individual. Em suma, acreditamos, tal qual Leal (2007), que a protagonista da obra estudada é inserida em um paradigma cultural que tanto a aprisiona como promove a sua superação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões em torno das questões homoeróticas já estão circulando no meio literário, e em publicações de grandes editoras. Na narrativa analisada, as personagens tentam vivenciar a sua sexualidade, entretanto, por Clara ser judia e Ana não compartilhar de tal crença, embora as duas comunguem do mesmo sentimento, essa diferenciação, dentro da narrativa, determina as diversas maneiras de se posicionar diante do amor.

Neste artigo apresentamos alguns ritos de passagem, como a iniciação do amor, o casamento e a morte como momentos que se configuram em parte do processo que determina a identidade da narradora-personagem, e, por consequência, silencia o amor vivenciado por ela. Tais ritos representam os caminhos que levam à perda do amor.

Ao colocar em jogo questões sobre o desejo e práticas sociais, como a homossexualidade, Cíntia Moscovich permite reflexões a respeito da arbitrariedade das definições sobre o que é gênero. Butler (2003) informará que a principal marca da “matriz de inteligibilidade de gênero” é o desejo heterossexual compulsório. Por se tratar de mulheres que se apaixonam por alguém do mesmo sexo, as personagens de Moscovich conseguem, em determinado momento, como diz Leal (2007), sair dessa “matriz de inteligibilidade de gênero”, ainda que demonstrem, por meio dos ritos de passagem, que há sempre uma circulação entre a transgressão e a adequação dos papéis de gênero dominantes.

Esse debate é imperativo e, por meio da literatura, podemos ponderar a respeito das sexualidades e, talvez, reformular os nossos próprios entendimentos e as ideias que disseminamos. Em suma, entendemos que a representação das relações afetivossexuais na literatura de Moscovich é construída, sobretudo, historicamente, como resultado das experiências que passamos, do contexto social. Moscovich, ao construir suas personagens, se afasta daquele entendimento da sexualidade como consequência de algo biológico. De outra maneira, na obra em estudo, a orientação sexual e o gênero parecem se tratar, como afirma Butler, de construções, de desejos, de práticas sociais.

## REFERÊNCIAS

- BORILLO, Daniel. A homofobia. In.: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (org.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.p.15-46.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DA MATTA, Roberto. Apresentação. 1977. In.: GENNEP, Van Arnold. *Os ritos de passagem*. Trad.: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes LTDA, 1978.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano no mundo moderno. In.: *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad.: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 162-172.
- FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In.: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad.: Denise Bottmann, Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.193-261.

GENNEP, Van Arnold. *Os ritos de passagem*. Trad.: Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes LTDA, 1978.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. A difícil expressão do amor em *Duas iguais*, de Cíntia Moscovich.. In.: DEALTRY, Giovanna, LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania (org). *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 123-131.

LOURO, Lopes Guacira. Pedagogias da sexualidade. In.: \_\_\_\_\_ (org) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 9-33.

MOSCOVICH, Cíntia. *Duas Iguais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In.: COSTA, Cláudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. In.: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004. Disponível em: [http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/viewFile/560/518](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/560/518). Acesso em: 09 julho 2014.

SCHWANTES, Cíntia. O autoritarismo em *Duas iguais*. In.: *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num2/ass05/pag01.html>>Acesso em: 25 jun. 2014.

YOUNG, Iris. O gênero como serialidade: pensar as mulheres como um coletivo social. In.: Revista *Ex Aequo* – Associação Portuguesa de Estudos das Mulheres, nº 8. Porto: Celta Editora, 2004.